



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

iapoti'kaba: memórias com uma árvore

Eduardo Silveira[1]

RESUMO: Este ensaio narra diferentes momentos de minha relação com uma jabuticabeira, árvore nativa da Mata Atlântica brasileira. Acionando fragmentos de memória da infância, aos poucos a árvore vai surgindo, ganhando espaço e evidenciando a aliança e o parentesco estabelecido entre humano e não humano, entre humano e planta. Hoje, a árvore não existe mais. Assim, ao mesmo tempo em que se evoca a memória com ela e tudo que esse encontro foi capaz de compor na vida da criança que já fui, se vive o luto pela ausência da jabuticabeira. É essa ausência que se torna movimento compositivo dos artefatos imagéticos de antotipia presentes no ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Antotipia. Jabuticaba.

iapoti'kaba: memories with a tree

ABSTRACT: This essay narrates different moments of my relationship with a jabuticabeira, a Brazilian Atlantic Forest native tree. By reviving fragments of my childhood memory, the tree starts to gradually appear, taking up space and evidencing the alliance and the kinship established between human and non-human, between human and plant. Nowadays, the tree no longer exists. Thus, at the same time that the memory with the tree is evoked together with everything that this encounter was able to compose in my life as a child, one also experiences mourning for the absence of the jabuticabeira. This absence becomes the compositional movements of the antotype images present in the essay.

KEYWORDS: Memory. Antothype. Jabuticaba



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Para entrar no terreno era preciso atravessar uma grade baixa. Esse limite simbólico que separa o público do privado. O portão, apenas encostado. Sempre. Da rua, preciso pesquisar o nome. Na época, era apenas aquela: da parte detrás da quadra. No tempo da infância, quando algumas coisas ainda não têm nome, talvez fosse o local mais distante a que se podia ir desacompanhado. Hoje o Google me diz: Augustinho Lucca. Essas ruas com nome de pessoas, praticamente todas de origem italiana, povoaram a infância: Inácio Slompo, Levir Luiz Toaldo, Francisco Zardo, Toaldo Túlio. Pessoas desconhecidas, ganharam afeto e presença pela memória dos lugares que representam.

À esquerda, logo após a grade, uma casinha minúscula. Uma meia-água que parecia ainda partida ao meio. Em uma única fissura da memória consigo recordar dessa casa habitada. Algumas crianças pequenas chorando, uma mulher que as atende, movimento. Em praticamente todas as outras lembranças ela está vazia. Guarda um mistério e cultiva até mesmo um pouco de medo. O que há lá dentro? A pergunta segue ecoando ainda hoje, passados mais de vinte e cinco anos, quando vejo a imagem abaixo, eternizada pelo carro da Google: três cachorros olham para a câmera. Uma mãe, quase invisível, difusa, e seus dois filhotes sentados em frente ao tronco de uma árvore. São fantasmas.



Atrás da meia-água, todo restante do terreno é ~~vazio~~. Escrevo e apago: vazio, escrevo outra vez, de habitações humanas. ~~Há ali muito mate~~. Escrevo e apago: há ali muitas plantas, algumas árvores:



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

uma comunidade, alianças. A sensação do frescor e sombra, resultado das copas densas, ainda é viva na lembrança. É assim: alguns espaços deixam marcas mais intensas na memória do corpo. Como se o volume de sua presença fosse maior que a capacidade das células esquecerem. São memórias capazes de se rebelar contra o apagamento. Elas conseguem atravessar o interstício entre duas gerações de células e se propagam. Ficam por aí, vagando, em algum lugar indefinível e permanente após sucessivas mitoses. Mandando às favas o fato de que células morrem e são repostas ao longo de uma vida. Enquanto escrevo, folheio *Formas de voltar para casa*, romance do escritor chileno Alejandro Zambra. Em algum trecho, Pablo, amigo do narrador, lê para ele esta frase: “o que adere à memória são esses pequenos fragmentos estranhos que não têm princípio nem fim” (Zambra, 2014, p.144).

Me agarro a esses fragmentos.

Um pequeno bosque particular: era o que aquele terreno representava. A casa fechada e o portão sempre disponível eram um convite à invasão. Enquanto escrevo, a memória sussurra por aqui: ouço o crisar das folhas secas sendo pisadas. Caminhar, sob a sombra das copas, buscando os galhos mais convidativos. Aquelas árvores me ensinaram os princípios. Acredito ter subido em todas elas. Algumas mais desafiadoras que outras. Esticar um braço para além do limite, o pé fincado em um emaranhado de troncos. A alegria dos dias era olhar para a copa e encontrar, pendurado entre os galhos acessíveis, um ninho. Um ninho feito de plantas: pequenos gravetos, ramos e folhas secas. Geralmente de três a quatro ovinhos. Frágeis ao toque, mais de uma vez e não sem culpa, esmigalhei um deles ao tatear lá no alto buscando descobrir se estava habitado ou não.





Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Foi ali que aprendi: ovos azuis pintados de marrom são de sabiá-laranjeira. O peito sempre estufado em laranja, o canto longo e manhoso. Em uma rápida pesquisa sobre a ave, descubro duas informações que me atraem: mãe e pai são responsáveis pelo cuidado parental aos filhotes; a origem de seu nome: *haabi'á*, derivado do tupi. Na infância, era apenas o passarinho dos ovos azuis de pintas marrons.

Havia aquele menino, amigo de infância que ficou preso na reminiscência do passado. Dele, só guardo o primeiro nome: Marlon. Ele tinha também um irmão mais velho, Pablo e uma irmã muito pequena. Dela, até o nome evaporou. Marlon era um corpo magérrimo e a companhia nos percursos pelo bosque. O desejo em encontrar os ninhos nos irmanava. Por muitas vezes apoiamo-nos em algum movimento audacioso na tentativa de chegar às copas mais altas. Na dubiedade das ações infantis, era também com ele que eu procurava forquilhas nas árvores pela quadra. A forquilha que virava estilingue que virava arma, ato ilícito: algumas vidraças ali daquela casa abandonada na esquina foram estilhaçadas pelas pedras certas. Quando o ato ilícito vira crime: o tesourinha que pousa no fio de luz e recebe o balaço fulminante no peito. O arrependimento que chega na mesma velocidade em que a ave cai, estática, no chão. As lágrimas pingam dos meus olhos pela ave abatida. Na lembrança envergonhada me proponho a ler um pouco mais sobre a vítima da insensatez infantil. Abro o navegador: “tesourinha ave”. A *Wikiaves*, enciclopédia livre sobre pássaros, me diz: “uma característica comportamental muito marcante do tesourinha é o seu senso de proteção aos filhotes. O pássaro costuma ser extremamente protetor e territorialista com os ninhos, quando há filhotes, justificando o nome científico *Tyrannus*”. Um ninho feito de plantas: pequenos gravetos, ramos e folhas secas. Tudo está no corpo que ainda guarda os suspiros de uma ética que ali, aos poucos, começa a se desenhar. Na ciranda das memórias, Marlon retorna, com seu corpo fino como os gravetos do ninho e juntos, construímos os estilingues de forquilha.

Agora quero que preste atenção a uma das árvores desse bosque. É aquela ali, que fica à direita da meia-água, um pouco afastada da casa. À espreita. Veja seu tronco todo liso, repleto de desenhos e manchas. Semelhante a um mapa, guarda geografias misteriosas na casca. Galhos e mais galhos se retorcem e entrelaçam formando um emaranhado confuso de rotas que sobem em direção à copa.



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Repare também em suas folhas pequenas e exuberantes, formando essa confusão esverdeada. Agora volte seu olhar ao tronco, é ali que em alguns meses do ano surgem as flores. Como se de sua própria carne surgissem pequeninos vulcões esbranquiçados: inflorescências. Sim, elas começam a pipocar justamente sobre o tronco, numa ansiedade em surgir para o mundo. Logo vestem toda a árvore em um traje branco, delicadíssimo e de curta duração: rapidamente se tornam a pequena bolota. Primeiro verde, depois preto-arroxeadas. Eis que ali, a flor se faz fruto. No tronco, na pele, no corpo.



Esta é uma jaboticabeira. Há pouco aprendi que seu nome deriva do tupi. Não há consenso quanto ao significado: *iapoti'kaba*, que seria “frutas em botão”; ou *îaboti*, que remete a jabuti e *kaba* à gordura, o que resultaria em gordura de jabuti; ou ainda *îaboti* e *caba*, significando lugar do jabuti. Conhecida pelos originários, parece ter sido uma das primeiras espécies domesticada pelos invasores. Quando público e privado se definem, é ela quem vai povoar o asséptico pomar dos europeus que aqui se estabeleceram. A árvore, parece nunca ter se acomodado neste lugar de domesticação. Não se encaixa bem em apenas um nome e assim resiste, sempre variando: jaboticabeira, *iapoti'kaba*, jaboticabeira, *Plinia peruviana*, gordura de jabuti, *Myrciaria trunciflora*, *Plinia trunciflora*, *Myrciaria jaboticaba*.

É ela a razão primeira desta escrita.

Na primavera de 2021, depois de muito tempo, recebo uma sacola de *iapoti'kaba*. Abro. O aroma doce, levemente ácido toma conta do ambiente. São inúmeras bolotas com a casca variando do



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

roxo ao preto brilhante. Tomo uma nas mãos e levo à boca. Uma mordida rompe a casca e extravasa o conteúdo branco: uma profusão de cores – branco, preto, roxo, verde – e sabores – doce, cítrico, adstringente, resultado dos taninos em abundância.

É nessa proliferação de sensações que a memória da árvore se reativa. Lá estamos nós, Marlon e eu, atravessando o pequeno portão e caminhando até a lateral da casinha de madeira. À nossa frente, a jabuticabeira se impõe. Ela nos recebe e, oferecendo seu corpo, nos convida a entrar naquela comunidade simpoiética (Haraway, 2016, p.141). Foi ela a minha primeira companheira no bosque. Entre seus galhos tatuados em nuances de cores recostei meu corpo, encontrei a textura lisa de sua pele e, em sua copa, em meio à multidão de folhas, aprendi a possibilidade de ser atravessado pelo mundo (Coccia, 2018a, p.31).

Certamente foi em alguma primavera daqueles anos que experimentei pela primeira vez uma *iapoti'kaba*. Ao menos uma oferecida generosamente pela árvore do bosque. Talvez eu tenha me espantado em ver seu tronco, antes liso e sedutor, coberto de uma fina camada esbranquiçada. Possivelmente tenha me surpreendido ao ver aquelas flores penduradas na carne da própria árvore: uma radicalização da flor, esse constructo vegetal, por si só já tão radical. É Emanuele Coccia (2018b) quem fala da flor como a construção de um espaço de agenciamento. Nela converge o encontro. Além disso, para a planta, a flor seria a confiança no mundo, a inteligência do abandono que delega ao outro a decisão quanto ao próprio destino. Confiar no mundo, nos encontros e na possibilidade de se fazer com.

Não tenho certeza de ter visto as flores se tornando pequenas bolotas verdes e depois aumentando e enegrecendo. Não lembro, mas meu corpo sabe. Meu corpo guarda em algum desvio ou fissura a sensação de explosão que as bolotas daquela jabuticabeira causaram em mim. Me causa certo incômodo essa imprecisão no ato de recordar. Refugio-me mais uma vez em Alejandro Zambra (2014, p.144). Ele me diz que “recordamos, mais propriamente, os ruídos das imagens. [...] Deveríamos simplesmente descrever esses ruídos, essas manchas na memória”. Confio nos ruídos e mergulho na sensação que ainda existe da *iapoti'kaba* explodindo em minha boca. Assim consigo entender, que já naquele momento, ainda que não de forma consciente, estabeleci um propósito de comunhão com a jabuticabeira. Converso com Donna Haraway (2016) sobre a proposta de unir



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

forças para reconstituir refúgios. Constituir parentesco, tornar-se parente, tornar-se gentil, fazer um arranjo capaz de expandir a imaginação e mudar a história.

Naquela época, talvez tenha sido o desejo passional que orientou um pedido a meu pai para que plantássemos uma jabuticabeira em casa. Ter a companhia de uma árvore como a do bosque no quintal da minha casa. Hoje penso: o desejo de domesticar, restringir, trazer para o espaço privado. Com carinho colocamos a muda ali, na extremidade oposta à janela do meu quarto. Imagino que todos os dias eu levantava e olhava pela janela encontrando os pequenos galhos. O tempo passava e ela resistia a crescer, imune à ansiedade infantil. Nada de florescer, nada das bolotas. Pelo contrário, seus galhos, mirrados, insistiam em secar. Lembro de seu tronco, ainda fino, perdido em meio ao mato insistente que tomava conta do terreno da casa. Soube bem depois de sua sede insaciável. O desejo pela água. As raízes e seu caráter anfíbio de coletar o líquido, ocupar o solo, o subterrâneo e transformá-lo em um espaço de comunicação espiritual (Coccia, 2018a). A pequena jabuticabeira não vingou, não se permitiu domesticar ao desejo infantil de posse.

Atenção aqui: não há romantismo, não há acordo, não há negociação. As plantas não se submetem. Que fique registrado, não se trata disso. A voz narrativa de *A visão das plantas* diz isso de forma categórica ao narrar a relação do capitão Celestino com seu jardim:

As plantas viam o jardineiro como as plantas vêem. Não se sentiam agradecidas. Tratavam seu regador à semelhança da chuva que caía sobre elas nas noites de Outono. Florescerem não era o seu meio de meterem conversa com o jardineiro, mas uma forma de acentuarem a sua indiferença à declaração de amor que ele cultivava a cada hora (Pereira, 2021, p.35).

O encontro que proponho com a jabuticabeira do bosque não se relaciona à afeto ou paixão. Constituir parentesco e comunhão, não significa submissão, assimetria. Significa, por outro lado, compreender que “todos os seres compartilham de uma “carne” comum, paralelamente, semioticamente e genealogicamente (Haraway, 2016, p.142).

E nessa compreensão, mais ruídos começam a aparecer. Eles trazem os percursos pela quadra, as ruas de terra. Peregrinar nas tardes de sol por entre os cascalhos. Os outros terrenos, próximos ao bosque, ainda vazios. Hoje, sobrados geminados. Ali começava a trilha em direção ao córrego, já naquela época, de águas duvidosas. Carinhosamente apelidado de riozinho, era protegido por uma resistente mata ciliar. Eis o ruído: a água incessante escorrendo entre as árvores. A sensação agora



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

é de umidade e receio. O que se escondia naquela pequena floresta um tanto mais selvagem que o bosque da jabuticabeira?

É Emanuele Coccia (2018b) quem diz que o mundo começa sempre no meio e nunca para de começar e que para observá-lo, não precisamos de um ponto de vista, mas sim de um ponto de vida. Por isso escrevo. Por isso, arrisco reviver essa história agora, passados mais de vinte e cinco anos.

Depois de comer a *iapoti'kaba* na primavera de 2021 decido voltar ao bosque e à jabuticabeira com a intenção de repactuar nossa aliança. Eu, que agora vivo em Desterro[2], vou com frequência à Curitiba, onde meu pai ainda vive. Lá, na mesma quadra, na mesma casa da minha infância, casa onde vivi até meus vinte e cinco anos. Visitar meu pai é sempre reencontrar reminiscências. Sussurros, imagens e sentimentos ambíguos: guardam, ao mesmo tempo, ternura e lástima. A mesma casa, praticamente os mesmos móveis, nos mesmos lugares. “Meu pai guarda um silêncio áspero e profundo” (Zambra, 2014, p.124), diz o narrador de *Formas de voltar para casa*. Ele também retorna à casa dos pais, depois de adulto em um reencontro confuso de sentimentos conflitantes.

É uma tarde ensolarada da primavera de 2021. Estou em Curitiba, dirigindo em direção à casa de meu pai. Não, dessa vez, não retorno com a intenção de visita-lo. Minha intenção: reencontrar o bosque e a jabuticabeira. A mesma casa, a mesma quadra. Depois de criança, acredito que pouquíssimas vezes eu tenha passado pela rua Augustinho Lucca. Penso agora: nos novos interesses da adolescência, já não havia razão para aquele percurso. Após o almoço convido meu pai para uma volta na quadra. Ele aceita e levanta seu corpo envelhecido, arqueado. Arfa muito e tem os movimentos lentos: resultado de um pulmão parcialmente inútil. Consequência do enfisema nutrido por quarenta anos de uma vida fumante. Por isso caminhamos devagar.

Sua casa fica na esquina da Inácio Slompo, subimos e vencemos o primeiro trecho. Viramos à esquerda na Levir Luiz Toaldo. Ele pede para parar e descansar. Enquanto caminhamos, vivo um sentimento duplo. Viajo ao passado, até as inúmeras vezes, quando ainda criança, andei por aquelas ruas: à pé, de bicicleta, indo, voltando, correndo. E permaneço no presente, atento às mudanças, ao que persiste e se renova. Minha atenção se volta às plantas. Na frente das casas, proliferam



jardins. Inúmeros arbustos, folhas e flores de diferentes cores e espécies. A vizinhança segue sendo um lugar tranquilo, sobrados mais novos pipocam entre as casas do passado.



É curioso ver os sobrados habitados. Na infância, conheci a arquitetura de praticamente todos eles quando ainda estavam sendo construídos: eram ótimos para as brincadeiras de esconder. Mais alguns passos e viraremos novamente à esquerda na Rua Augustinho Lucca. Ali, logo em frente e à direita fica o terreno do bosque com a jabuticabeira. Enquanto caminhamos, lembro de um trecho do conto *A história secreta dos mongóis*, de Marcílio França Castro: "O verdadeiro problema dos mapas não é de escala ou projeção; também não é de fidelidade ao território. O verdadeiro problema dos mapas é não conseguirem acompanhar a ação do tempo" (Castro, 2016, p.97). Esse trecho faz parte da conversa entre o personagem que narra o conto e Serhat, um caçador de mapas antigos que está em busca de um mapa mongol do Século XIII, considerado por ele como o mapa perfeito. A história da busca atravessa o mundo, tendo iniciado na Nanquim, pequena livraria do chinês Lao que fica no bairro da Liberdade, em São Paulo. Mais adiante, neste mesmo trecho, Serhat finaliza sua sentença fatalista: "no fim, o tempo sempre devora o espaço".

Sinto uma sensação confusa: quando criança, a distância espacial entre nossa casa e o bosque da jabuticabeira, parecia enorme. No entanto, embora seja a rua logo atrás, agora adulto é como se essa distância fosse ainda maior. Talvez seja essa a questão: a distância não é apenas espacial, mas também temporal: "no fim, o tempo sempre devora o espaço".



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Meu pai pede para descansar mais alguns instantes. Sinto minha respiração também faltar ao senti-lo respirando, cansado. Faltam alguns metros até a rua e o bosque. Me espanta ver como os vários terrenos vazios de antigamente já não existem mais, tornaram-se casas, sobrados. Todos com seus jardins assépticos: arundinas, lavandas, buganvílias, jasmims. Uma profusão de plantas que colorem as calçadas, gentrificando o que antes era responsabilidade da própria vida em se autoproduzir, espalhando mato, ervas-daninhas, plantas sem nome em qualquer espaço vazio. Justo na esquina dois plátanos, enormes, soltam suas folhas de cinco pontas. Me distraio um pouco com o tamanho deles e quando percebo já posso avistar o terreno do bosque e a surpresa impensável: ele não existe mais! A meia-água minúscula, as árvores... a jabuticabeira! A aflição toma conta de mim e se abre uma fissura em algum lugar do passado: sinto-me mutilado. Não resta nada, a profusão de árvores, a leve penumbra de copas densas, os troncos convidativos, a pequena casa que impelia à invasão. Nada! O único resquício do passado é o portão que permanece divisando o terreno, privado, da rua, pública. Além dele, tudo deixou de existir.

Estou ali, parado em frente ao terreno do bosque: imóvel. Tentando entender o que significa essa triste descoberta. Meu pai se apoia no pequeno portão. Ouço sua respiração catastrófica, o ato heroico de fazer o ar entrar nos pulmões, o corpo encurvado em direção ao chão, frágil, desesperado por conseguir respirar. Não, ele não entende o que sinto. Não falo nada, sou apenas silêncio. Em meu convite, eu havia apenas sugerido a volta na quadra. Penso agora: talvez ele nunca tenha chegado a saber de meu pacto com a jabuticabeira, de nossas invasões, dos ninhos de ovos azuis pintados de marrom. Não, ele não sabe. Seguirá não sabendo. Ali, apoiado no portão, em sua luta por continuar respirando, não cabe mais nada.

Estou sozinho com esse grande vazio que me arranca da infância, me faz órfão das memórias e me joga em um lugar confuso: o que significa essa ausência, essa mutilação, essa falta?

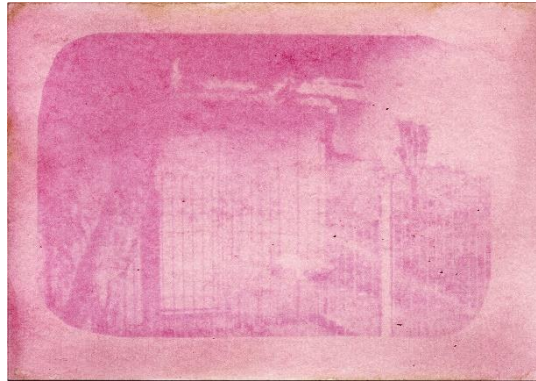
Sim, é um resquício de ingenuidade infantil que me levou ao terreno do bosque com a convicção de que tudo permaneceria igual: “no fim, o tempo sempre devora o espaço”. Que estranha lógica faria com que um terreno como aquele, com algumas árvores e uma minúscula meia-água de madeira possivelmente abandonada resistisse ali, em um dos bairros com a maior especulação imobiliária



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

de Curitiba? Embora ainda não tivesse se tornado um sobrado com seu jardim asséptico, agora era apenas mais uma oportunidade imobiliária.

É possível enlutar-se por uma árvore?



Voltamos em silêncio. Deixo que o som de meu pai tentando respirar ocupe o espaço entre nós, assim não preciso falar. Posso seguir processando a perda do bosque, das memórias de meu corpo entrelaçado aos galhos desenhados da jabuticabeira. Preciso entender o que essa perda significa para a infância que ainda me habita. Há algo na ausência daquela árvore e daquele bosque que me faz sentir uma fragilidade no passado. Ou uma incoerência no presente. Pode uma árvore causar tal sensação? Quem me responde é Donna Haraway (2016, p.141), sussurrando em meu ouvido:

Uma maneira de viver e morrer bem, como seres mortais no Chthuluceno, é unir forças para reconstituir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis.

Em meus trinta e oito anos, ainda não experienciei a morte de alguma pessoa próxima o suficiente para me desestruturar (posso comparar a ausência de uma árvore à falta de uma pessoa?). Por alguma razão penso novamente no capitão Celestino, protagonista de *A visão das plantas*. Também ele volta, anos depois, para a casa de sua infância, a casa onde viveu e onde sua mãe morreu sem



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

notícias suas. A casa, comida pela natureza: plantas e bichos a reconstituíram em coisa. Naquela casa do passado Celestino passa a construir seu jardim. Um jardim proliferante, onde as plantas se tornam suas companhias e razão de sua existência quase translúcida. Nossas perdas são de ordens diferentes, mas vejo na produtividade com que Celestino conduz sua relação com o jardim, uma pista sobre o que fazer com meu luto. Ainda preciso reencontrar-me com a jabuticabeira, refazer nossa aliança. Resisto a aceitar que em sua ausência física eu não possa mais estar com ela.

Na impossibilidade de mais uma vez sentir a textura de seu tronco, contemplar sua copa e respirar seu silêncio, busco outras formas de oferecer a ela minha presença e parentesco. Lembro-me do curta-metragem de Ernesto de Carvalho, *Nunca é noite no mapa*[3]. O filme discute os limites da presença humana e a transformação dos espaços na era do capitalismo global. Ao identificar o carro da Google transitando pela rua de sua casa, Ernesto de Carvalho confronta o veículo e o fotografa. Após algum tempo, ele encontra a imagem que se constitui como um duplo seu na plataforma *Google Maps*: lá está ele parado, fotografando o olho do mapa no próprio mapa. Enquanto narra esse encontro, em determinado momento ele diz: “O mapa é um olho desincumbido de um corpo, e eu estou dentro do mapa, em algum lugar. Mesmo que eu tente me esconder, o mapa me encontra, e me contém”.

“O mapa é um olho desincumbido de um corpo, e eu estou dentro do mapa, em algum lugar”, essa frase ecoa aqui dentro. Penso que talvez no mapa eu possa encontrar vestígios da jabuticabeira e de um passado que já não é mais.

Aqui em Desterro, sentado na cadeira de meu escritório, há aproximadamente trezentos quilômetros de distância, ligo o computador, abro o *Google Maps* e digito: “Rua Augustinho Lucca”. Instantaneamente o navegador me lança até ela, com um ponto vermelho certo. À sua volta inúmeros nomes pipocam: “CEI Pedacinho do Céu”, “Jesus Live – Loja de Presentes”, “Paulo Radiadores”, “Kondor Imóveis”. Não estou interessado neste mapa e nem nas imediações. Altero a visualização do mapa para uma imagem de satélite. Aproximo mais a imagem e, ao enquadrar meu destino, as indicações começam a desaparecer, restam os quatro nomes das ruas que compõem a quadra: Augustinho Lucca, Santo Túlio, Inácio Slompo e Levir Luiz Toaldo. Ali encontro o terreno!



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

No mapa visto de cima, a imagem ainda traz o bosque, o telhado da meia-água e a jabuticabeira. Aproximo a máximo possível. A imagem perde qualidade, mas sim! O bosque ainda está ali. A barra de informações logo abaixo indica: “Imagens ©2022 Google, Dados do mapa ©2022”. O mapa não fala a verdade. Este olho desincumbido de um corpo, mente. Eu estive lá ainda em 2021. O bosque não existe mais, a casa não existe mais, a jabuticabeira não existe mais. Apenas um terreno vazio. O mapa mente.

Aciono o pequeno boneco amarelo que me conduz a passear por essas ruas tão conhecidas. Em meu corpo guardo a textura, o cheiro e os sons dessas ruas. Sensações que me ocuparam por mais de vinte anos enquanto lá vivi. O boneco amarelo me leva para passear por essas ruas sem que meu corpo lá esteja: “eu estou dentro do mapa, em algum lugar”. Solto o boneco em frente à casa do meu pai. Refaço o mesmo caminho que há poucos meses fizemos juntos. Não tenho seu corpo lento e respirando com dificuldade ao meu lado. Não preciso desacelerar os passos, mas curiosamente avanço de forma lenta, a cada movimento na seta, a imagem se altera e avanço um pouco na quadra. É um dia bonito de sol, mas não sinto calor, não sinto o vento e não posso ver as pequenas vidas que certamente percorrem o caminho comigo. Estou no mapa e a barra de informações abaixo indica: “Captura da imagem: jul. 2018”. Estou no passado.

Com as setas laterais giro a imagem observando as casas da vizinhança: os jardins floridos, gramas bem aparadas. O carro do meu pai não está na garagem: onde pode ter ido? Penso em ligar para ele e perguntar se está em casa, mas lembro: estou no passado, estou no mapa. Agora estou na mesma esquina em que há poucos meses paramos para que meu pai descansasse. Ali, onde eu ainda não havia percebido que a jabuticabeira, o bosque e a meia-água não existem mais. Os plátanos da esquina já são enormes. Instintivamente paro um instante antes de apertar a seta em direção ao bosque. Da esquina, são três cliques e aqui estou, em frente ao bosque. Em julho de 2018 ele já não existe mais, tampouco a jabuticabeira e a meia-água. A única coisa que permanece é o portão baixo e enferrujado. As imagens se acoplam: aquela que permanece em meu corpo junto a meu pai arfando, cansado e esta, proveniente do mapa que agora invade meus olhos enquanto estou sentado em minha cadeira: “o mapa me encontra, e me contém”.



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Investigando esta ferramenta que me permite entrar no mapa, o *Google Street View*, percebo uma opção que me permite visualizar imagens antigas do mesmo local. Aperto no botão correspondente e surge uma linha do tempo que se inicia em junho de 2011 e vai até julho de 2018. O mapa guarda imagens históricas e me permite parar em alguns momentos específicos: junho de 2011, agosto de 2013, dezembro de 2013 e maio de 2014. Aciono o botão capaz de me fazer peregrinar no tempo e eis que encontro!

Nas imagens históricas guardadas pelo mapa lá estão a jabuticabeira e o bosque! Eternizados, dentro do mapa. Em junho de 2011 o bosque ainda resplandece atrás da meia-água que segue ali guardando seus mistérios. Aumento o zoom e lá está ela na lateral da casa: a jabuticabeira resplandece. Seus muitos galhos ainda sustentam a copa de folha miúdas. Um sentimento ambíguo de apaziguamento e nostalgia me invade. É apenas ali, dentro do mapa, sem um corpo, que posso encontrar a jabuticabeira e o bosque. Refaço o percurso pela quadra neste tempo já tão distante. O dia estava nublado e curiosamente os plátanos já existiam ali na esquina. Desloco-me até a casa de meu pai. Em 2011 ele ainda não tinha seu corpo arqueado e o ar parecia deslizar com mais facilidade para dentro de seu corpo. Aquele carro estacionado na garagem já não existe mais.

Experimento deslocar-me nestes momentos que o mapa me possibilita. Refaço o percurso em volta da quadra em cada uma dessas datas. O clima muda, em alguns momentos o sol pleno toma conta em outros está nublado. Alguns carros estacionados, pouquíssima presença de ~~vida~~. Escrevo e apago: presença de vida, escrevo outra vez, humana. Algumas figuras humanas passam, vez ou outra. Em junho de 2011, a casa na esquina da Rua Augustinho Lucca ainda está em construção. É ela que fica logo ao lado do terreno do bosque. Sobre a laje ainda inacabada um rapaz trabalha. Veste uma jaqueta azul de mangas brancas – o inverno de Curitiba é inclemente – e um boné preto. Ele está agachado. Aproximo o zoom e percebo que ele encara o olho do mapa. Através do mapa, do tempo, seus olhos cruzam os meus. De alguma forma eu o vejo, ele me vê. Talvez tenha sido ele uma das últimas vidas humanas a ver a jabuticabeira em pé.

Refaço o percurso em todos os momentos possíveis. Aqueles nos quais o mapa produziu imagens da quadra. Há algo interessante: a jabuticabeira, o bosque e a meia água não desapareceram no mesmo momento. A primeira a sumir foi a jabuticabeira, já em dezembro de 2013 ela não está lá.



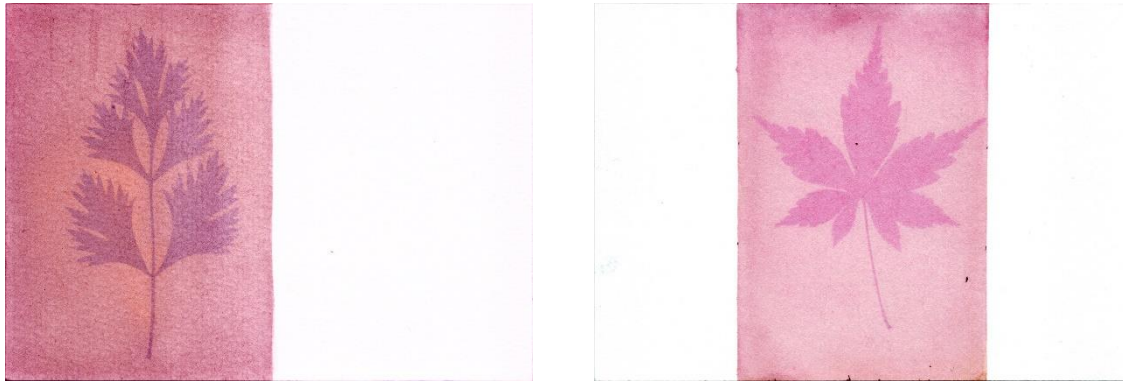
Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Há apenas um toco, mutilado, e a vida que resiste: pequenos brotos crescem justo no local do corte. Nas outras datas, o bosque e a meia água ainda resistem. É apenas na imagem de julho de 2018 que elas desaparecerem. Há outro detalhe que me captura.

Ao contrário das vidas humanas, a vida das plantas se expressa intensamente em cada uma das datas. Ao longo da quadra, são elas que evidenciam a passagem do tempo: crescem, florescem, secam. Percebo a imensidão de folhas secas que cobre o chão, os galhos que se torcem, expandem e lançam em direção ao ar, as flores que se experimentam em variadas cores. Ao me dar conta disso, lembro-me de Emanuele Coccia, que considera as plantas as mais importantes forças cosmogônicas de nosso planeta. Para ele, “o que chamamos de jardim é um exército de jardineiros que não para de mudar e cinzelar o rosto do mundo” (Coccia, 2018b, p.6).

Peregrinando pelo tempo na quadra da minha infância e percebendo a vida que segue proliferando naquele espaço ao longo das décadas, escuto Donna Haraway (2016, p.141): “eu sou uma compostista, não uma pós-humanista: somos todos compostos, adubo, não pós-humanos”. Assim descubro uma forma de repactuar minha aliança com a jabuticabeira e o bosque: embora a árvore já não exista, seu sopro parece viver nas pequenas plantas que povoam os detalhes dessa quadra que segue compondo. Afinal, “soprar é fazer mundo, se fundir nele, e desenhar de novo nossa forma num exercício perpétuo” (Coccia, 2018a, p.59).

Coletar vestígios nas ruas que compuseram a infância: é com essa intenção que planejo minha próxima viagem à Curitiba. Mais uma vez na casa de meu pai. Dessa vez vou sozinho. Refaço o caminho pela quadra, atento aos rastros que possam exprimir o sopro da jabuticabeira e do bosque. Caminho, paro, sinto o vento e atento aos detalhes. Meu olhar se dedica a ver aquilo que escapa. Não estou interessado no que embeleza, mas no que escapa aos jardins assépticos. Com essa intenção coletei pequenas plantas, folhas, ramos, gravetos: ervas daninhas. Pequenas vidas que insistem em vingar em meio ao asfalto, nas fissuras da calçada, na sombra das grandes construções humanas. Sinto que sejam elas os vestígios mais potentes dessa memória que habita meu corpo de criança.



No passado que foi, as marcas que ficam. Volto para Desterro com essas pequenas plantas descansando entre folhas de livros. Elas me dizem da jabuticabeira, me dizem da vida que flui entre corpos nessa aliança permanente entre seres não-humanos e humanos. Sei que ainda há algo por fazer: retirar a jabuticabeira de dentro do mapa. Afinal, como diz Ernesto de Carvalho, “o mapa é um olho desincumbido de um corpo”. Preciso fazer com que ela deixe de ser apenas mais uma imagem sem corpo, guardada na virtualidade. Preciso de algo que seja capaz de novamente acoplar a jabuticabeira a esse sopro: compostá-la.

A forma que encontro para fazer isso foi capturando as imagens que encontrei da jabuticabeira e do bosque de dentro do mapa e reconstituindo-as de vida. No verão de 2021, na outra vez quando estive Curitiba, coletando rastros e vestígios das plantas pela quadra da minha infância, encontrei *iapoti'kaba* à venda em uma quitanda próxima à casa de meu pai. Aqueles frutos, embora não fossem da jabuticabeira do bosque, ofereceram generosamente sua vida e sua carne ao processo final do ciclo que aqui compartilho. Após saboreá-los e mais uma vez ser surpreendido com a deliciosa explosão agridoce em minha boca, guardo seu invólucro: a casca preto-arroxeadada, rica em taninos e antocianinas. Esses pigmentos serão o meio para que eu capture as imagens presas na frieza do mapa e ofereça a elas novamente um sopro condizente com sua natureza.

Entre 2019 e 2021 coordenei o projeto de pesquisa, ensino e extensão “Desfazendo invisíveis: as mulheres naturalistas e suas obras em impressões fotográficas experimentais de fitotipia e antotipia”. Ao longo do projeto pesquisamos as técnicas de fitotipia e antotipia, experimentando-as junto às imagens de três mulheres naturalistas botânicas invisibilizadas ao longo da história da



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

ciência, onde basicamente perduraram as contribuições de homens[4]. A fitotipia utiliza como suporte para impressão as próprias folhas e seus pigmentos. Já na antotipia, o processo envolve a extração dos pigmentos vegetais e utilização de um papel previamente sensibilizado com esse pigmento como suporte para a impressão fotográfica.

Com as cascas de *iapoti'kaba* produzo o extrato arroxeadado que pincelo sobre o papel Canson 300g/m². A cada demão a cor se intensifica e o papel, antes branco, torna-se roxo, pujante. Com os papéis sensibilizados, capturo as imagens do *Google Street View*, imobilizadas no mapa e as imprimo em acetato, produzindo os positivos. O papel sensibilizado, com esse positivo sobre ele, ficará e exposto ao sol, até que as imagens sejam transferidas para o papel pigmentado.

Além das imagens do passado, algumas das pequenas plantas coletadas no percurso ao redor da quadra, são usadas para produzir imagens que compõem o sopro da jabuticabeira.

Assim, em uma lógica compostista, as imagens do bosque e da *iapoti'kaba* antes presas dentro do mapa, ganham novamente vida pelos pigmentos provenientes da casca de outras *iapoti'kabas*. Impressas em papel, elas deixam de ser imunes à ação do tempo. Aos poucos, pelo contato com a atmosfera, imersas no sopro de outras infinitas vidas, elas serão degradadas, desaparecerão. São elas as imagens que povoam o texto. São imagens difusas, opacas, difíceis de se identificar. Imagens que trazem um ruído e uma precariedade. São como a memória.

Nesse gesto de composição sinto que de alguma maneira repactuo a aliança com a jabuticabeira e o bosque de minha infância. As memórias, que haviam sido arrancadas e destruídas junto com as árvores do bosque e a pequena meia-água, têm novamente um lugar para descansar em meio ao ruído do presente.

Apaziguamo-nos.

Bibliografia

CASTRO, Marcílio França. **Histórias naturais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a.



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. São Paulo: N-1edições, 2018b. Disponível em: https://issuu.com/n-1publications/docs/cordel_emanuele_coccia Acesso em: agosto de 2022.

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, p.139-145, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/> Acesso em: agosto de 2022.

PEREIRA, Djaimilia de Almeida. **A visão das plantas**. São Paulo: Todavia, 2021.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Ator, biólogo, escritor. Docente de Biologia IFSC – Câmpus Florianópolis. Email: eduardosilveira@ifsc.edu.br

[2] Antigo nome de Florianópolis, ainda utilizado pelas pessoas que não aceitam a decisão arbitrária do então Governador Hercílio Luz de, em 1984, mudar o nome da cidade em homenagem à Floriano Peixoto, marechal sanguinário, responsável pelo fuzilamento de quase duzentos ilhéus, contrários ao regime.

[3] Disponível em: <https://vimeo.com/175423925>

[4] O *e-book* produzido a partir do projeto onde são descritas as técnicas detalhadamente está disponível gratuitamente no site: <https://editoracaseira.com/desfazendo-invisiveis/>